



Elementos do fantástico em duas obras de autoras brasileiras: o caso de *A Rainha do Ignoto* e de *Margarida La Rocque*

Fantastic elements in two works of brazilian authoresses: the case of *A Rainha do Ignoto* and *Margarida La Rocque*

Ana Luiza Senger Macowski¹, Maurício Cesar Menon²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo comparar duas obras de autoras brasileiras, separadas por um período de tempo de cinquenta anos, a saber: **A Rainha do Ignoto** (1899), de Emília Freitas, e **Margarida La Rocque: a Ilha dos Demônios** (1949), de Dinah Silveira de Queiroz. Em ambos romances as escritoras optaram por desenvolver o enredo tendo por base o fantástico que, dono de uma larga tradição, se configura como um gênero onde inúmeras possibilidades de construção e de abordagem se permitem. Procura-se mostrar como, a partir dessa base estabelecida, tanto Emília Freitas quanto Dinah Silveira de Queiroz engendram discussões acerca da condição feminina no contexto patriarcal; para tanto, elas constroem enredos onde o mundo real se contrapõe ao mundo fantástico (nos dois casos representados por ilhas), porém dão contornos diferentes a suas personagens femininas – no romance de FREITAS, embora haja a personagem Funesta que protagoniza a obra, o foco se dá também no coletivo de mulheres e num espaço utópico por elas construído e defendido; no romance de QUEIROZ o foco recai quase que inteiramente sobre Margarida que, a partir de suas atitudes transgressoras, confronta o mundo que a cerca, seja ele real ou fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: condição feminina; escritoras; fantástico.

ABSTRACT

The present work's aim is to compare two literary works of brazilian female authors, separated by a period of fifty years, namely: **A Rainha do Ignoto** (1899), by Emília Freitas, and **Margarida La Rocque: a Ilha dos Demônios** (1949), by Dinah Silveira de Queiroz. In both romances the authors chose to develop the plot based on the fantastic that, owner of a large tradition, is configured as a genre in which countless possibilities of construction and approach are allowed. The goal is to show how, from this established basis, Emília Freitas as well as Dinah Silveira de Queiroz engender discussions about the female condition in the patriarchal context; for such, they build plots where the real world opposes the fantastic world (represented by isles in both cases), however give different contours to their female characters – in FREITAS' romance, although there is the character Funesta who stars in the work, the focus is also given to the collective of women and a utopian space built and defended by them; in QUEIROZ's romance, the focus is almost totally given to Margarida who, based on her transgressive attitudes, confronts the world that surrounds her, be it real or fantastic.

KEYWORDS: female condition; authoresses; fantastic.

A PROPÓSITO DO FANTÁSTICO – UMA INTRODUÇÃO

O campo de estudos sobre literatura fantástica expandiu-se, lenta e gradativamente, ao longo do século XX, até que Tzevtan Todorov, com sua **Introdução à Literatura Fantástica** (1970), parece de fato, embora não tenha sido o primeiro estudioso a debruçar-se sobre o tema, promover um verdadeiro interesse acadêmico sobre o gênero, haja vista a quantidade de livros, teses e dissertações que versam a respeito do assunto terem se multiplicado e adquirido ainda maior força entre a segunda metade do século XX e as duas primeiras décadas do século XXI. Todorov limita-se, em especial, a estudar as

¹ Bolsista do(a) CNPQ – PIBIC EM. Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR Campo Mourão, PR, Brasil. E-mail: aninhasenger@gmail.com. ID Lattes: 9344660045423604.

² Docente no Departamento de Humanidades da Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR Campo Mourão, PR, Brasil. e-mail: mcmemon@utfpr.edu.br. ID Lattes: 0277021640443026.



manifestações do fantástico no século XIX, definindo e estudando os mecanismos internos de operação das categorias que compõem esse tipo de gênero. A grande contribuição desse teórico se dá no sentido de pavimentar um caminho, um tanto estreito diga-se de passagem, que, posteriormente, ganhará novas contribuições teóricas, levando em conta a permanência e desenvolvimento do Fantástico, com todas as suas manifestações, século XX afora e seu adentramento no século XXI. Nesse sentido, destacam-se os trabalhos de Irleamar Chiampi **O Realismo Maravilhoso** (1980), Remo Ceserani **O Fantástico** (1996), David Roas **A Ameaça do Fantástico** (2004), Rosalba Campra **Territórios da Ficção Fantástica** (2008), só para citar alguns dos importantes estudos que têm trazido maior luz e alavancado novas discussões em torno desse verdadeiro universo de possibilidades literárias.

CESERANI (2006, p.8-9) aponta para essa característica de amplitude que envolveu os estudos do gênero, criticando-lhe, inclusive, alguns excessos:

A outra tendência é aquela – hoje, parece-me, largamente prevalente – que tende a alargar, às vezes em ampla medida, o campo de ação do fantástico e a estendê-lo sem limites históricos a todo um setor de produção literária, no qual se encontra confusamente uma quantidade de outros modos, formas e gêneros, do romanesco ao fabuloso, da *fantasy* à ficção científica, do romance utópico àquele de terror, do gótico ao oculto. Do apocalíptico ao meta-romance contemporâneo.

Em vista dessa inevitável e insolúvel confusão a que aponta o autor, atualmente alguns pesquisadores da área têm preferido o uso da expressão “insólito ficcional”, entendendo que ela funcionaria melhor, como uma espécie de grande guarda-chuva etimológico, onde se aninhariam as mais diversas manifestações ligadas ao gênero fantástico ou a seus corolários. Insólito deriva-se do verbo **soer**, cujo significado é: habitual, que ocorre com frequência; **insólito**, por sua vez, aponta para aquilo que não é frequente, para o raro, anormal e contrário às regras. Sublinha-se, no que tange à adoção dessa nomenclatura, o protagonismo do professor Dr. Flávio Garcia (UERJ), cuja liderança do grupo de estudos da ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”, composto de importantes pesquisadores de todo o Brasil e do exterior, têm promovido congressos da área, debates, bem como produzido uma série de novas publicações, como o importante Dicionário Digital do Insólito Ficcional, lançado ao final de 2019.

Neste trabalho, porém, mesmo havendo o entendimento de que o termo insólito abranja melhor as diversas categorias literárias que dele possam fazer parte, será adotado o termo fantástico mesmo, por se entender estar ele melhor teorizado e sustentado por ampla literatura, algo de que ainda carece o termo insólito. Para que cumpra o papel de abrigar as diferentes manifestações que se pretende abarcar com a temática aqui pretendida, com suas subcategorias, prefere-se a visão mais amplificada que David Roas oferece sobre o fantástico àquela, de âmbito mais estrito, definida por Todorov. Sobre a natureza do fantástico, Roxane Guadalupe Herrera Alvarez, no prefácio à obra de Roas afirma o seguinte:

O fantástico, para o escritor espanhol, nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. Para conseguir esse efeito, é necessário estabelecer, em primeiro lugar, uma identidade entre o mundo



ficcional e a realidade extratextual. Mas não basta reproduzir no texto o funcionamento físico dessa realidade, que é condição indispensável para produzir o efeito de fantástico; é preciso que o espaço da ficção seja uma duplicação do âmbito cotidiano em que está situado o leitor. Ele deve reconhecer e se reconhecer no espaço representado pelo texto. Por isso o fantástico é inquietante, constitui uma subversão do nosso mundo (ROAS,2014, p.24).

Em vista disso, na sequência, pretende-se alavancar e analisar alguns elementos presentes em duas obras de autoria feminina na literatura brasileira, a saber **A Rainha do Ignoto** (1899), de Emília Freitas, e **Margarida La Rocque: a ilha dos demônios** (1849), de Dinah Silveira de Queiroz.

DUAS OBRAS EM COMPARAÇÃO

Cinquenta anos separam a publicação dos romances **Margarida La Rocque: a ilha dos demônios**, segunda obra de Dinah Silveira de Queiroz, publicada em 1949, e **A Rainha do Ignoto**, de Emília Freitas, publicado em 1899, romance pioneiro no que diz respeito à literatura fantástica feita por mulheres no Brasil.

No primeiro caso, seguimos a desafortunada personagem Margarida La Rocque, que, antes mesmo de nascer, recebeu a profecia de que conheceria o inferno em vida. Ela se apaixona pelas histórias do aventureiro Cristiano e casa-se com ele, mas, após este se recusar a levá-la consigo em uma viagem, a moça foge, levando consigo sua ama Juliana, a fim de encontrar o marido em alto mar. No caminho, apaixona-se pelo cantor do navio, João Maria, envolvendo-se amorosamente com ele. Sendo a traição um comportamento inadmissível para uma mulher, segundo os valores patriarcais estabelecidos, Margarida, João Maria e Juliana são abandonados em um lugar conhecido como “ilha dos demônios”, onde a profecia da pobre mulher irá se cumprir: o espaço se tornará um inferno no qual ardem uma paixão avassaladora, ciúmes e ocorrem bizarrices demoníacas.

No segundo caso, a história reatualiza, de alguma forma, o mito das amazonas; o leitor é apresentado a uma comunidade secreta e utópica composta apenas por mulheres, as quais habitam a Ilha do Nevoeiro. Elas são governadas pela Rainha do Ignoto, mulher que atemoriza os moradores da vila Passagem das Pedras – que a chamam de “Funesta” – ao passear pelas encostas próximas. Ela acaba por encantar a Dr. Edmundo, um jovem advogado que estava visitando o povoado. Curioso para saber mais sobre a natureza da estranha e bela mulher, o jovem é ajudado por um confidente da Rainha a adentrar o navio Tufão sob a identidade da falecida Odete, uma paladina muda e mascarada. A partir disso, ele terá contato com uma sociedade na qual mulheres que um dia foram vítimas de violências de todo tipo são salvas, protegidas e treinadas para resgatarem outras mulheres na mesma situação, ao mesmo tempo que desempenham as mais variadas profissões na misteriosa ilha.

Além da autoria feminina e de terem sofrido certo ostracismo, as duas obras possuem vários pontos semelhantes em relação ao fantástico e aos temas e motivos presentes, bem como outros que se desenvolvem de maneira oposta.

Um dos aspectos mais importantes de ambas as histórias é o local em que elas se passam: uma ilha; apesar de serem espaços escondidos, eles derivam de ideias contrárias. Na Ilha do Nevoeiro, o que se vê é um polo tecnológico e cultural avançado para o contexto em que se passa o tempo da narrativa, cheio de inovações e belezas que tornam a vida de



suas moradoras muito mais plena e segura que aquela passada no mundo habitual. Ao passo que a Ilha do Nevoeiro pode ser comparada ao paraíso, a ilha dos demônios pode ser comparada com o próprio inferno: um ambiente quase deserto, a não ser pelos animais falantes e espíritos malignos que anseiam controlar os únicos humanos que chegam por lá, os quais lutam primitivamente para sobreviver.

Nos dois livros, as ilhas constituem-se como elementos-chave, pois nelas é que se observam alguns componentes do fantástico. Em **A Rainha do Ignoto**, a ilha serve de abrigo para aquela sociedade de mulheres mágicas, seus segredos e seus feitos, todos dotados de uma estética e simbolismo que os tornam difíceis de se imaginar acontecendo no mundo real. A personagem que introduz uma possível interpretação fantástica à ilha é o Dr. Edmundo, que por muitas vezes, questiona se as coisas que acontecem a sua frente são de fato possíveis e reais ou se não passam de sonho, como evidenciado pela passagem final após Edmundo ter entrado na inacreditável estrada de ferro subterrânea: “Ele já não sabia se estava acordado; julgava-se em um pesadelo.” (FREITAS, p. 169)

Em **Margarida La Rocque**, a ilha é inteiramente encantada e essa característica, exceto por alguns momentos, não é colocada em dúvida dentro da obra, categorizando-a como um espaço onde o fantástico se manifesta de maneira mais abundante. A única personagem que aparenta se importar com a presença do sobrenatural é Margarida, sendo também a única a questionar a veracidade das aparições, pensando estar louca. Entretanto, a mulher não demora para aceitar tal realidade como algo concreto e imanente àquele espaço.

Nessa esteira do fantástico que categoriza os dois livros, revela-se um tema mútuo neles abordado, como tópico central dos enredos: a condição feminina dentro da sociedade patriarcal. No caso de Margarida, ela se casa com o aventureiro Cristiano em busca de uma maior liberdade para conhecer o mundo, mas o marido não lhe concede isso, e sim a confina ao ambiente doméstico. Quando ela foge e embarca no navio do Senhor de Roberval, mais uma vez é maltratada, sendo abandonada com a aia em uma ilha por ter traído o marido, pois mulheres adúlteras foram consideradas sempre uma desgraça para a sociedade como um todo. Após encontrar o amado João Maria na ilha, Margarida mais uma vez é submetida a pequenas opressões por parte dele, que a vê apenas como mais uma das mulheres com quem já se relacionou, passando até a traí-la com Juliana. De forma breve, todos os “infortúnios” acontecidos com Margarida estão, de algum jeito, relacionados com sua condição de mulher. No entanto, ela se mostra extremamente forte e obstinada, e não sucumbe diante de todas as desgraças pelas quais passa, tornando-se, por fim, a única sobrevivente de toda a aventura vivida.

O mesmo problema da opressão sistêmica para com as mulheres ocorre em **A Rainha do Ignoto**, cujo enredo é recheado de exemplos de violência contra a mulher, mas que também apresenta um escape a essa condição: a existência da Ilha e das Paladinas do Nevoeiro. Tal espaço nada mais é do que uma utopia, um porto-seguro para mulheres de todo o mundo que já sofreram algum tipo de violência e que desejam resgatar outras na mesma situação. Como forma de proteção para seu reino, as amazonas possuem uma forma de esconder sua ilha, intimamente ligada ao saber místico feminino delas, que é o hipnotismo:

– É, mas a mestra é a paladina Marciana, que não sai nunca da ilha; as duas imediatas na ciência são a rainha e a doutora Clara Benício. Não a ouvimos dizer há pouco, que ia ao terceiro ponto cardeal? Pois



é certo que elas têm, ao norte, ao sul, a leste, e a oeste, uma torrezinha sobre um rochedo, com uma vigia para embarcações que passam, e uma hipnotizadora para seus passageiros e tripulantes, de forma que eles só veem um nevoeiro e nada mais.” (FREITAS, p. 198)

Percebe-se, então, que as personagens femininas nessas duas obras lutam, cada uma à sua maneira, contra as injustiças sociais e violências sofridas por seu gênero. Constata-se, nos dois casos, uma estrutura semelhante no que tange à construção das narrativas: o chamado mundo real oprime e não oferece condições plenas para as mulheres desenvolverem suas habilidades ou realizarem seus desejos, para que isso ocorra é necessário o deslocamento para o mundo fantástico (no caso as ilhas), onde as possibilidades de ação da mulher se abrem e se tornam tangíveis. A diferença que se assinala, porém, é que no livro de Emília Freitas parece figurar uma mensagem mais positiva em relação à vida das mulheres na ilha, cercadas tanto de elementos místicos como de outros ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico; apesar de o final da obra apontar para o velho clichê romântico do amor masculino que salva e redime a mulher, o que se destacam são os aspectos ligados à independência, força e inteligência femininas, tornando-lhes donas de seus destinos. Já no livro de Dinah Silveira de Queiroz, a força reside na subversão de Margarida e em seu espírito arrojado que, ao longo de toda a narrativa, contesta aquilo que lhe é imposto pelos homens. Ela vive, sim, um amor, transgressor e passageiro, que lhe traz decepção, mas que também a faz lutar para manter-se dona de si; a ilha dos demônios se configura como um ambiente surreal, despido de quaisquer inovações científicas ou tecnológicas avançadas – tudo ali é construído de forma primitiva pelos personagens, com a finalidade de garantir a sobrevivência básica. Margarida, no entanto, é a única que sai viva ao final, triunfando sobre as adversidades a ela impostas.

A importância dessas duas obras para a literatura brasileira, para o gênero fantástico e para a discussão acerca da condição feminina são inegáveis, por se tratarem de romances escritos por mulheres que, cada uma em seu contexto histórico, desafiam as narrativas e alguns dos valores vigentes.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPQ pela concessão de Bolsa de Iniciação Científica Júnior durante o período de realização do projeto que resultou neste trabalho.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.



REFERÊNCIAS

CAMPRA, Rosalba. **Territórios da ficção fantástica**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico** 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Margarida La Rocque: A Ilha dos Demônios** 1ª ed. São Paulo: Editora Instante, 2022.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto** 2ª ed. São Caetano do Sul: Wish, 2020.